

982.1.1/30

INTRODUÇÃO - O TEXTO CORRESPONDE, COM ALGUNS LINGUAGENS - POT (EXEMPLO, NÃO SE FALA DO IDAC...)

Entrevista: PAULO FREIRE

O profeta do bê-a-bá

O educador pernambucano fala de seu método de alfabetização e das experiências pedagógicas que vem desenvolvendo em quinze anos de exílio

Por Claudius Ceccon

Em março passado, sussurrou-se em Brasília que o Itamaraty decidira liberar a entrega de passaportes para todos os exilados brasileiros — com exceção de um grupo de oito personalidades, entre elas o educador Paulo Freire, 57 anos, fora do país desde 1964. Os rumores foram prontamente desmentidos e rubricados como “fantasia”; mas o fato é que Freire, sempre sem maiores explicações, continua até agora privado de seu passaporte. Trata-se de uma punição especialmente desagradável para um homem que, nestes quinze anos, se tem deslocado por centros universitários importantes, como Harvard e Genebra, e viaja com frequência por diferentes países — geralmente a convite de governos interessados na aplicação do método de alfabetização concebido por Freire no começo dos anos 60.

Basicamente, o “método Paulo Freire” consiste em identificar os analfabetos de uma certa área e catalogar as palavras-chave de seu vocabulário — as chamadas “palavras geradoras” — que devem sugerir situações de vida comuns e significativas para os participantes do grupo. No Brasil de 1964, por exemplo, “engenho” era uma palavra geradora para os trabalhadores dos canaviais do nordeste, da mesma forma que “tijolo”, para os operários da construção civil. O instrutor projeta slides com a palavra e, acima dela, a figura a que se refere. Os mecanismos de linguagem são estudados após o desdobramento das palavras geradoras em sílabas. E o conjunto das palavras geradoras deve conter as diferentes possibilidades silábicas e permitir o estudo de todas as situações que possam ocorrer durante a leitura e a escrita.

Apesar de exibir virtudes reconhecidas por respeitados educadores, no Brasil a aplicação do “método Paulo Freire” não chegou a ser bem-sucedida —



Freire: sem passaporte

sobretudo por ter sido patrocinada por um improvisado Programa Nacional de Alfabetização arquitetado no final do governo João Goulart, e do qual Freire se manteve afastado. Quinze anos depois, de todo modo, este animado professor pernambucano gostaria de testá-lo novamente no Brasil, como confessa nesta entrevista concedida a Claudius Ceccon, em Genebra — onde se encontrava para receber o título de doutor honoris causa da universidade local.

É preciso conhecer para transformar

VEJA — *Que avaliação o senhor faz do trabalho de alfabetização empreendido pelo Mobral?*

FREIRE — Confesso que não o co-

nheço profundamente. Mas, pelo que me dizem e pelo que me foi dado ler, tenho a impressão de que o Mobral procurou utilizar alguns elementos da parte mecânica de meu método, completamente emasculados de seu conteúdo original. E acho que não poderia ser de outra forma já que o objetivo do Mobral não me parece ser exatamente o de promover uma tomada de consciência das camadas mais desfavorecidas, a fim de que elas possam sair do que chamei de “cultura do silêncio” e transformar sua situação como sujeitos de sua própria história, não como objetos de uma história de opressão. Parece haver, pelo que fui informado, uma grande disparidade entre os dados proclamados pelo Mobral e o que foi revelado por algumas pesquisas sobre os resultados realmente obtidos. A regressão ao analfabetismo é enorme e a obtenção de um certificado pelos que foram considerados oficialmente alfabetizados não mudou em nada sua condição anterior. A regressão é tão grande que hoje, tantos anos e tantos milhões de cruzeiros depois, o número de analfabetos parece ser cada vez maior tanto em números absolutos quanto relativos.

VEJA — *Há quem diga que o método Paulo Freire, por ser neutro, depende de quem o usa.*

FREIRE — Quem disse isso ou não entendeu nada ou está de má fé. Em meu método, parte-se do conhecimento do meio em que se vai desenvolver a experiência de educação. Toma-se em consideração o universo vocabular do grupo em questão, as palavras que são utilizadas todos os dias e que exprimem a vida cotidiana daquelas populações. Desse universo vocabular são escolhidas as palavras geradoras. Essas palavras encerram em si os temas de discussão que deverão corresponder aos inte-

NÃO SEI DE ONDE TIHAM ISSO -

392.1.1/30

10
F

resses dos alfabetizados e deverão constituir o primeiro passo, por meio da discussão em grupo, em direção a uma tomada de consciência individual e coletiva dos problemas discutidos. Esse aspecto puramente mecânico poderá ser utilizado por qualquer pessoa: tirar uma palavra geradora de um universo vocabular também pode ser feito por alguém que pretenda mistificar a realidade e a consciência dessa realidade. De minha parte, o conhecimento de uma realidade, que vai sendo construído pouco a pouco a partir da experiência dos alfabetizados, está intimamente ligado à consciência crescente da capacidade de mudar essa realidade. Conhecer para transformar, é este o objetivo. O que ficou sendo conhecido como Método de Alfabetização Paulo Freire não é algo que se possa reduzir a um aprendizado meramente lingüístico. Trata-se de aprender a ler a realidade — conhecê-la — para em seguida poder reescrever essa realidade — transformá-la. Como velho professor que sou, posso afirmar que o analfabetismo da realidade é muito grande entre alunos e professores dessa instituição chamada universidade.

Poemas escritos por analfabetos

VEJA — De que forma o senhor vê hoje essa experiência da alfabetização pré-1964?

FREIRE — Carrego comigo muito viva a lembrança de minhas conversas com o povo do Recife, dos côrregos e dos mortos do Recife. Foi dessa vivência que se nutriu tudo o que vim a fazer a seguir. No início dos anos 60 houve no Brasil um conjunto de circunstâncias que permitiram que uma experiência bem-sucedida a nível regional fosse transplantada para todo o país. É muito difícil dizer onde teríamos chegado se essa experiência não tivesse sido interrompida em 1964. A educação não é capaz de por si só mudar a estrutura de uma sociedade, ela é parte de um todo e, quando esse todo se põe em marcha, como aconteceu no início dos anos 60, abrem-se possibilidades que não existem em tempos normais. Naquela época tinha-se a impressão de que o Brasil começava a despertar de um sono secular e ia finalmente levantar-se de seu berço esplêndido.

VEJA — E em que se fundamentava essa esperança?

FREIRE — As coisas começavam a se mexer: havia a emergência de um operariado criado às pressas pela industrialização desenvolvimentista e selvagem que fez inchar a periferia das cidades industriais. Havia a situação insustentável no campo, criada por estruturas arcaicas, geradas de miséria secular, de desespero e de revoltas reprimidas com violência. Havia a emergência de uma classe média urbana dividida entre a insatisfação com a situação de então e o medo do rumo que as coisas estavam tomando. Desse setor saíram os estudantes que acorreram aos milhares ao apelo que lhes foi feito para ajudar a erradicar o analfabetismo no Brasil. Era um idealismo que comovia a gente. Era um movimento telúrico, era como se aquilo viesse das entranhas da terra: o início de um processo de transformação que deveria desembocar numa sociedade mais justa e mais humana.

VEJA — Nesse movimento, que papel caberia à alfabetização?

FREIRE — O esforço de alfabetização se inseria nessa mudança, em que as massas populares forjariam sua própria libertação pela participação criativa na gestação desse novo. Tínhamos então um governo populista que talvez não visse tudo isso da mesma forma que eu via e que certamente tinha planos para tirar o melhor proveito do que se passava, pelo menos com o fim de controlar o processo. Acho que assistíamos a uma tomada de consciência generalizada. Nunca se discutiu tanto a respeito de tanta coisa, sobretudo sobre democracia e a necessidade de reformas de estrutura para poder chegar a ela. Participávamos dessa progressiva tomada de consciência e nosso entusiasmo e nosso idealismo vinham da certeza de que se começava a tocar no que era essencial.

VEJA — E o que era essencial?

FREIRE — O essencial era a clara visão de que as transformações de estrutura, que o alargamento do espaço democrático e que a criação de uma sociedade mais justa se fazem com a participação ativa e criativa do povo. Um novo projeto de sociedade não se faz em gabinetes, por mais bem intencionados que sejam os tecnocratas que se debruçam sobre a questão. Naquela época houve a proliferação da criação das utopias proibidas, como a Universidade de Brasília, como a valorização cultural de nossas coisas, do que brotava de nosso chão, que nascia e crescia verde e forte. Houve uma explosão de curiosi-

dade e de criatividade. analfabetos que se apropriavam da palavra e se punham a escrever poemas... Acho que foi o conjunto desses fatos, a enorme força que se liberava nesse processo que assustou as elites do poder. O golpe veio interromper isso tudo.

VEJA — Que razões levaram uma metodologia criada a partir de uma realidade especial, como é a do nordeste a influenciar acadêmicos na Europa e nos Estados Unidos?

FREIRE — Acho que essa repercussão decorre menos do método em si que da temática, que toca alguns pontos sensíveis, independentemente do nível a que possa ter chegado o Produto Nacional Bruto do país em questão. Problemas como o porquê da educação, do aprendizado da liberdade, da contribuição da educação num processo de mudança social, da organização dessas massas para que possam melhor dirigir o processo.

O Brasil de 1964 não existe mais

VEJA — E quanto aos riscos de manipulação dessas massas?

FREIRE — O perigo de manipulação existe sempre, mas esse fato não nos deve paralisar porque sabemos que essa organização é absolutamente indispensável se se quer realmente efetuar uma mudança para valer. Há riscos também na alternativa que manda confiar cega e aprioristicamente nas massas, consideradas aqui como herdeiras do conceito rousseauiano de *bon sauvage*. Trata-se de pura ingenuidade. Nem essa atitude nem a que considera que só uma organização rigidamente disciplinada hierarquicamente pode levar a cabo as mudanças me parecem justas. Acho que devemos correr o risco de uma real confiança nesse povo. Não somos os proprietários de um saber capaz de desencadear as grandes transformações sociais, saber esse que levaríamos missionariamente às classes trabalhadoras para sua própria salvação.

VEJA — A emergência de movimentos de base e de trabalhadores que aparentemente se inspiram em suas idéias significa que elas permanecem atuais?

FREIRE — Vejo tudo o que está acontecendo no Brasil com uma alegria enorme. Ao mesmo tempo, tenho consciência de que o Brasil mudou, que há

392. 1/30

10
F

muitas coisas novas, que as condições hoje são outras. Aprendemos que a mudança é um longo processo. O Brasil de quinze anos atrás não mais existe. Vamos ter, quando voltar, de reaprender uma realidade que é nova, na qual há muita coisa positiva. Coisas novas exigem uma nova forma de enfoque, de aproximação com seus agentes, seus sujeitos, seus atores. Como educador, sinto-me profundamente desafiado. Acho que não pode haver melhor clima que o do Brasil de hoje para colocar em prática alguns dos pressupostos que sempre defendi em educação.

A educação reinventada em países africanos

VEJA — *Por exemplo?*

FREIRE — Por exemplo, o de que o educador deve também ser um educando, que deve aprender da realidade e das pessoas com quem trabalha. Todo esse espaço criador que se encontra nas comunidades de base vem da experiência concreta em que todos se educam a partir da realidade. A posição que a Igreja tem tomado corajosamente em favor dos despossuídos, dos oprimidos, dos pobres, levou-a a uma prática que está iluminando toda sua ação. Em minha experiência anterior, não conheço nada como o que vejo acontecer hoje com os metalúrgicos. Sei que não são só eles, cito-os como um exemplo. Tem-se a impressão e a certeza de que se assiste ao fato mais importante dos últimos tempos, um verdadeiro ponto de inflexão. Acho que nada do que se fez ou se pensa daqui por diante poderá ser feito sem que os trabalhadores sejam tomados em consideração.

VEJA — *O único processo instaurado contra o senhor foi arquivado em 1968. Por que o senhor ainda não voltou ao Brasil?*

FREIRE — Quando meu processo foi arquivado no Superior Tribunal Militar, eu era consultor da Unzieto, um organismo estatal do governo democrata-cristão do Chile e não podia ausentarme imediatamente. Lembro-me de um telegrama passado por amigos que me diziam para arrumar as malas e pegar o primeiro avião. Marquei a viagem para dezembro, quando podia tirar férias e passar o Natal com minha velha mãe. Mas, antes que viajasse, veio o Ato Institucional n.º 5 e tudo mudou, era como se não tivesse havido nenhum arquivamento.

Não só não pude voltar como me vi, ao longo de todos esses anos, objeto de um certo tipo de ódio que se traduz por uma série de medidas discriminatórias, como o fato de me ter sido negado um passaporte. Essa medida odiosa, que priva um cidadão de um direito que lhe assiste constitucionalmente e em decorrência de convenções internacionais, certamente não abona quem a toma.

VEJA — *Além do passaporte negado, houve algum outro tipo de represália?*

FREIRE — No início dos anos 70 ocorreram no Brasil coisas bem piores, que hoje são do domínio público e me forçaram a me asilar na Suíça. Quanto a mim, o mais difícil de compreender é por que essas medidas continuam e por que elas são estendidas aos familiares. Posso compreender que venha a ser penalizado por uma postura que assumi, mas não entendo por que minha mulher e meus dois filhos também tiveram seus passaportes negados. Meu filho mais velho, Joaquim, que é músico, está desde 1977 sem passaporte, sem que o consulado jamais se dignasse a sequer responder às cartas que enviamos pedindo notícias. Minha mulher e meu filho mais moço, depois de muita espera, receberam o que eu chamo de "ficaporte", pois, embora seja válido para todos os países com os quais o Brasil mantém relações diplomáticas, confina seu portador a um só país. Em fevereiro deste ano, instado por amigos que me citavam pronunciamentos do presidente da República, de políticos e ministros do governo, e do próprio Itamaraty, voltei a solicitar, por escrito, mais uma vez, um passaporte. A única resposta que recebi foi um telefonema do cônsul de meu país me perguntando o que pretendia ao pedir um passaporte. Respondi que o que pretendia era exercer o direito — que, como cidadão brasileiro, eu tenho — de possuir um passaporte de meu país, direito esse que me vem sendo negado há quinze anos. Como desde então não recebi mais quaisquer notícias, encarreguei meu advogado de impetrar um mandado de segurança.

VEJA — *Como foram seus quinze anos de exílio?*

FREIRE — O problema do exilado, já dizia meu amigo Álvaro Vieira Pinto, é que ele vive uma realidade de empréstimo. Procurei colocar alguma raiz nessa realidade de empréstimo. Como fazer algo no exílio, única maneira de não

cair no desespero ou no cinismo? Comecei por procurar amar a cada uma das realidades em que vivi. Procurei descobrir em cada uma delas algo que exigisse de mim esse amor. No Chile foi fácil, hoje me sinto um pouco chileno. Foi no Chile que aprendi que não era apenas brasileiro mas também latino-americano. A partir de minha passagem pelos Estados Unidos e pela Suíça, horizontes mais vastos me foram abertos e tive a oportunidade de conhecer outras realidades. Tenho aprendido enormemente com meu trabalho na Guiné-Bissau, em Cabo Verde e em São Tomé, em que tenho participado do debate instaurado em torno da reforma do sistema educativo herdado dos tempos coloniais. Ao mesmo tempo, há a tarefa de lançar as bases de um programa de educação de adultos. Trata-se de um enorme desafio porque as condições são completamente diferentes das que vivi em minhas experiências anteriores. Temos ali de reinventar a educação, passo a passo, a partir de experiências concretas. É um trabalho apaixonante e que exige um tempo de maturação muito mais longo, em virtude das dificuldades em que se debatem esses países saídos de 400 anos de exploração colonial.

Saudade da gente, das cores e do cheiro

VEJA — *De que forma o senhor reage à possibilidade de um breve regresso ao Brasil?*

FREIRE — Essa possibilidade desperta em mim a saudade que me havia proibido de sentir. Saudade da gente, dos amigos, saudade dos cheiros, das cores, das frutas, da quenturinha do mar do Recife. Mas há outro aspecto — o de uma enorme curiosidade por conhecer esse Brasil que eu não conheço e essa mocidade que me escreve, que me homenageia como paraninfo, como os formandos em Pedagogia na Notre Dame do Rio de Janeiro. São jovens que tinham 5 anos quando deixei o Brasil, e a única explicação que encontro para o fato de eles se interessarem pelo que tenho feito é que provavelmente encontram em mim um pretexto para um reencontro com eles mesmos. O recado que procurei dar coincide com a busca que eles empreenderam. O que quero é continuar a ser um bom pretexto. E mergulhar de novo minhas raízes no solo generoso e fecundo de minha terra tão querida.

VEJA, 20 DE JUNHO, 1979

ARTICLES AND DOCUMENTS BY AND ABOUT
in SPANISH

PAULO FREIRE

Put together with FASTENER the following 5 articles:

No. 1. 1 dialogo con P. Freire

2 Accion Cultural Liberadora by P.F.

3 Qué significa educar, en medio
by P.F. Santiago, primavera de 1965

4 Aprender a decir su Palabra
El método de alfabetización del Prof. P.F.
by Ernani Maria Fiori

5 Metodo P.F.
Proceso de Aceleracion de Alfabezacion de Adultos
by Lauro de Oliveira Lima

No. 2 P.F. - Sobre la Accion Cultural, ICIRA, Santiago de Chile,
El Compromiso del Profesional con la Sociedad (56) 1970

en PORTUGAIS

No. 1

O Profeta do bê-a-ba